

## DESVELAMENTO E ONTOLOGIA NAS CONSIDERAÇÕES DE PAUL TILLICH E SUAS REPERCUSSÕES TEOLÓGICAS

[UNVEILING AND ONTOLOGY IN PAUL TILLICH'S CONSIDERATIONS AND THEIR  
THEOLOGICAL REPERCUSSIONS]

*André Magalhães Coelho<sup>1</sup>*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Brasil

**RESUMO:** Este artigo se propõe a explorar, através das reflexões de Paul Tillich, o conceito de revelação, com um olhar atento à função cognitiva da razão ontológica. Neste contexto, a revelação se apresenta como uma manifestação do fundamento do ser, um convite ao conhecimento humano para adentrar em suas profundezas. A teologia, por sua essência, não pode se tornar uma ilha autônoma em termos epistemológicos; ao contrário, ela deve se firmar nas características da razão cognitiva que se entrelaçam com a natureza da revelação. Para que isso ocorra, é imperativo que a teologia desenvolva uma descrição robusta da razão cognitiva, levando em conta as condições da existência humana. O objetivo deste texto é investigar as tensões da cognição existencial, que exigem uma compreensão da sua estrutura ontológica. É essa estrutura polar da razão cognitiva que não apenas possibilita o surgimento de conflitos existenciais, mas também instiga a indagação sobre a profundidade da revelação. Para essa análise, recorreremos às obras do filósofo e teólogo alemão, além de outros pensadores que contribuíram significativamente para este tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revelação; Estrutura ontológica; Conhecimento; Razão

**ABSTRACT:** This article aims to explore, through Paul Tillich's reflections, the concept of revelation, with a close look at the cognitive function of ontological reason. In this context, revelation presents itself as a manifestation of the foundation of being, an invitation to human knowledge to delve into its depths. Theology, by its essence, cannot become an autonomous island in epistemological terms; on the contrary, it must be based on the characteristics of cognitive reason that are intertwined with the nature of revelation. For this to occur, it is imperative that theology develop a robust description of cognitive reason, taking into account the conditions of human existence. The objective of this text is to investigate the tensions of existential cognition, which require an understanding of its ontological structure. It is this polar structure of cognitive reason that not only allows the emergence of existential conflicts, but also instigates the inquiry into the depth of revelation. For this analysis, we will draw on the works of the German philosopher and theologian, as well as other thinkers who have contributed significantly to this topic.

**KEYWORDS:** Revelation; Ontological structure; Knowledge; Reason.

<sup>1</sup> *Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorado pela mesma instituição (UMESP). Pós-doutorando em Teologia pela PUC-SP. E-mail: magalhaescoelhoa@gmail.com*

## INTRODUÇÃO

212

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.3, Dez., 2025, p.211-224

Este texto tem como objetivo explorar, através das reflexões de Paul Tillich,<sup>2</sup> a revelação e o conhecimento que se entrelaçam, onde cada ato de cognição se transforma em uma dança entre o conhecedor e o objeto do saber. Nessa jornada, o abismo que separa sujeito e objeto não é um obstáculo, mas uma ponte que, quando atravessada, permite que o sujeito “absorva” o objeto, moldando-o à sua própria essência, enquanto simultaneamente se adapta ao que está à sua frente. Porém, essa união do conhecimento é uma experiência curiosa; é uma fusão que nasce da própria separação.

Aqui, a distância cognitiva se revela como a chave para essa união. Para realmente compreender algo, é preciso “observar” – e para isso, é necessário um certo afastamento. Essa distância não é um mero detalhe; é o alicerce que sustenta a união cognitiva. Filósofos ao longo da história reconheceram a dualidade dessa experiência. A antiga discussão sobre se o semelhante reconhece o semelhante ou se o desigual se reconhece no desigual é um *eco* dessa percepção: a união, que sugere alguma semelhança, e a distância, que implica em diferença, são elementos opostos na complexidade do conhecimento. Assim, a unidade entre distância e união gera um dilema ontológico, um enigma sobre a natureza do saber.

Platão, em sua sabedoria, deu vida ao mito da união primordial da alma com as essências, capturando a essência do dualismo antropológico. As essências, com suas verdades intrínsecas, revelam-se estranhas e, ao mesmo tempo, profundamente familiares, convidando o sujeito a contemplá-las em diferentes níveis de elevação cognitiva. Essa unidade nunca se desfaz completamente; a alienação também faz parte da experiência. O objeto que se conhece é uma parte de um todo interconectado, e a lembrança surge quando nos deparamos com as coisas ao nosso redor.

Esse tema ressoa por toda a tradição filosófica, que busca iluminar a relação cognitiva e desvelar o estranhamento entre sujeito e objeto, mesmo enquanto eles se fundem em uma união cognitiva. O ceticismo, em sua essência crítica, questionou a possibilidade de conectar o objeto ao sujeito, afastando-o como uma coisa-em-si que não se deixa capturar pelo conhecimento, mas apenas pela aparência. O positivismo, por outro lado, eliminou completamente essa separação, mas falhou em explicar a alienação que permeia a relação entre sujeito e objeto. O idealismo se proclamou vitorioso ao afirmar sua identidade, enquanto o dualismo sonhou com uma

2 Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965) foi, indiscutivelmente, uma das mentes mais brilhantes da teologia no século XX. Contudo, sua influência transcende as fronteiras da teologia; ele também se destacou como um pensador perspicaz, que buscou inspiração em renomados filósofos existencialistas como Kierkegaard, Jaspers e Heidegger, além de ser um verdadeiro herdeiro do idealismo alemão, com ênfase em Hegel e Schelling.

união transcendente entre sujeito e objeto, em uma mente ou substância divina, sem, no entanto, elucidar sua conexão.

Assim, somos convidados a explorar esse labirinto do conhecimento, onde a distância e a união não são apenas opostas, mas companheiros inseparáveis nessa jornada de descoberta. Em cada passo, encontramos a beleza do saber, que se revela não apenas na aproximação, mas também na mágica do distanciamento.

A jornada da compreensão humana se desvela em um intricado de conexões entre o saber e a experiência, onde a conjuntura epistemológica se valida nas intersecções da vida pessoal e social. A paixão pelo aprendizado, que se manifesta em expressões tanto singelas quanto sofisticadas, nos revela que a cognição bem-sucedida preenche um vazio existencial, transformando o que era distante em algo que ressoa com a nossa essência. Como um *eco* do pensamento platônico, o *eros* cognitivo emerge da carência e da plenitude, guiando-nos na busca pela união com aquilo que nos é intrinsecamente familiar. Cada ato de conhecimento é um passo audacioso na superação do vazio e da alienação. Contudo, o saber vai além de uma mera realização; ele carrega consigo o poder transformador e curativo. Imaginemos, por um momento, que o sujeito que conhece não seja apenas um reflexo do objeto, mas sim um elemento ativo na criação de significado.

Sócrates, em sua sabedoria, compreendia que entender o bem é, em última instância, praticar o bem. A complexidade dessa dinâmica se manifesta nas interações entre os três grupos de ciências delineados por Tillich em *"The System of the Sciences"*: Ciências do Pensamento, Ciências do Ser e Ciências do Espírito (Mueller, 2005, p. 103). É tentador acreditar que podemos conhecer o bem sem nos comprometermos com ele. Contudo, ao comparar Sócrates e Paulo, percebemos que ambos nos oferecem visões complementares; Paulo, mais realista, nos lembra que a consciência do correto não garante a sua prática. O conhecimento de que Paulo se refere, a *gnosis*, é uma união que transcende a mera cognição, incorporando dimensões místicas e emocionais. Conhecer a Deus ou a Cristo, nesse contexto, é sentir-se fortalecido e unido a Ele, manifestando o bem no cotidiano.

Recentemente, o termo *"insight"* ganhou novas camadas de significado, evocando a essência da *gnosis*. A psicologia profunda, por exemplo, reconhece o poder terapêutico desse conhecimento transformador, que não é um saber distante, mas uma revisitação dolorosa das experiências vividas. O *insight* permite a reconexão com o passado, especialmente com aqueles momentos que, muitas vezes, nos aprisionam no presente.

Assim como Sócrates e Paulo nos desafiam, essa união cognitiva propõe uma transformação radical, exigindo coragem e vulnerabilidade.

Para muitas tradições filosóficas e religiosas asiáticas, o poder do conhecimento como agente unificador e curativo é inquestionável. O dilema que enfrentam é, muitas vezes, a distância que separa o indivíduo da união plena. A valorização do conhecimento é uma constante em todas as culturas, sendo percebida como uma condição *sine qua non* para a coesão social. Não há distinção entre grupos religiosos ou seculares, democráticos ou

totalitários; a compreensão do caráter unificador do saber é essencial para entender por que todos os grupos sociais enfatizam a importância de seus princípios fundamentais.

As críticas ao que se chama dogmatismo, frequentemente proferidas por aqueles que não reconhecem suas próprias crenças dogmáticas, revelam uma interpretação superficial do conhecimento como uma mera cognição fria de objetos distantes. O verdadeiro dogmatismo se torna insensato, uma vez que o conhecimento é, por natureza, uma ponte que une. Contudo, a natureza do objeto com o qual nos conectamos é crucial; unir-se a distorções da realidade pode ser perigosamente enganoso. A ansiedade sobre a possibilidade de erro, ou a preocupação com falhas alheias, se torna um elemento essencial na compreensão do erro. Em termos grupais, a razão não pode oferecer respostas definitivas, mesmo que a falta de clareza possa ameaçar a coesão do todo.

Dessa forma, a razão cognitiva é um campo de batalha entre união e distanciamento a cada ato de conhecimento. Este artigo se propõe a explorar os conflitos da cognição existencial, buscando entender a estrutura ontológica que os fundamenta. É nesse espaço polar da razão que emergem os conflitos existenciais e as questões sobre a revelação. Para esta investigação, farei uso das obras do filósofo e teólogo alemão, bem como de outros estudiosos que ajudaram a aprofundar esse debate.

## CONEXÕES MENTAIS

Para Paul Tillich, o conhecimento é união e distanciamento, onde ambos os elementos se entrelaçam de forma essencial. Sem essa dualidade, a compreensão se torna um sonho inatingível (Tillich, 2014, p. 110). As estatísticas, por exemplo, são como os alicerces de um edifício de saber, sustentando a estrutura do conhecimento físico e sociológico. No entanto, quando deixadas solas em sua essência fria, não passam de números sem alma, distantes da verdadeira sabedoria.

Por outro lado, as meditações devocionais, embora ricas em elementos cognitivos, também carecem de profundidade quando isoladas. Tillich designa o distanciamento como “conhecimento”, um saber que se torna um instrumento controlado, um reflexo da razão técnica.

Nesse cenário, o sujeito se coloca como o maestro que rege a orquestra do objeto, transformando-o em uma “coisa” previsível e moldável. Esse processo, entretanto, apaga a luminosidade da subjetividade, reduzindo o objeto a um mero espectador incapaz de retribuir o olhar. Em toda forma de conhecimento, sujeito e objeto dançam em uma lógica de diferença, e mesmo ao contemplar o divino, um objeto sempre se faz presente.

A intersecção entre vida e ciência revela-se muito mais vibrante e

entrelaçada do que qualquer experiência cognitiva que se desvincule da realidade vivida. Ao ignorar as experiências fundamentais que permeiam o vasto universo das interações científicas, seus métodos e a riqueza de seus objetos, a ciência corre o risco de se tornar um labirinto sem saída, onde os elementos se despregam da própria vida, insensíveis às nuances de seu contexto ético.

Ao explorar as diretrizes pré-científicas que permeiam a *Lebenswelt*,<sup>3</sup> somos convidados a refletir sobre a essência do nosso conhecimento, um convite para que a ciência e a vida se entrelacem em uma sinfonia de compreensão, torna-se viável restabelecer as ligações entre ciência, ética e vida (Husserl, 2002, p. 53).

Entretanto, o conhecimento controlador “objetifica” não apenas de forma lógica o que é inevitável, mas também em níveis ontológicos e éticos. Contudo, nenhuma coisa é apenas uma coisa. Como tudo que existe participa da estrutura eu-mundo do ser, elementos de autorelação são universais. Isso possibilita a união com qualquer entidade. Nada é absolutamente estranho.

Metaforicamente, pode-se afirmar que, assim como direcionamos nosso olhar para as coisas, estas também nos observam, na espera de serem acolhidas, proporcionando uma oportunidade de enriquecimento mútuo na esfera do conhecimento. Conforme o filósofo alemão, as coisas nos indicam que podem ser “interessantes” se nos aprofundarmos em seus níveis mais profundos e experimentarmos seu poder singular de existir.

Entretanto, isso não exclui que sejam objetos em um sentido técnico, ou seja, coisas a serem utilizadas e manipuladas, ferramentas para propósitos que se distanciam de seu significado interno (*telos*) (Tillich, 2014). Um metal é “interessante”; abriga elementos de subjetividade e autorelação.

O conhecimento humano, os metais se destacam como matéria-prima para uma infinidade de ferramentas e propósitos. Sua natureza, sempre objetiva e técnica, contrasta de maneira intrigante com a essência multifacetada do ser humano. Este último, por sua própria natureza, resiste a ser reduzido a meros números ou categorias; ao romper essa resistência, a identidade humana se fragmenta, como um cristal despedaçado. Uma relação genuinamente objetiva com o ser humano se fundamenta na união e na conexão, enquanto o distanciamento, embora presente, permanece em um plano secundário.

De acordo com Paul Tillich, a verdadeira compreensão de uma personalidade — seja do passado ou do presente, ou mesmo de nós mesmos — não pode existir sem a união. Em oposição ao que ele denomina conhecimento controlador, essa abordagem mais empática e envolvente é

3 O conceito de “*Lebenswelt*”, ou “mundo da vida”, em nossa língua, é uma pedra angular na fenomenologia proposta por Edmund Husserl. Ele evoca a realidade tal como é vivida e sentida pela consciência, antes que essa realidade seja submetida à racionalização ou à construção teórica. A ciência, embora não constitua parte integrante da *Lebenswelt*, exerce uma influência significativa sobre ela, manifestando-se na maneira como é percebida e incorporada ao cotidiano, nas práticas e tecnologias que dela emergem e na habilidade de transformar nossa compreensão do mundo ao nosso redor.

conhecida como “conhecimento receptivo”. Este último não se limita a uma mera relação entre meios e fins; ele busca compreender o objeto em sua totalidade, em sua conexão intrínseca com o sujeito. Aqui, a emoção emerge como um veículo essencial, capaz de transportar a cognição, embora sem transformar o conteúdo em algo meramente sentimental. A razão, portanto, deve ser examinada com um olhar crítico e cuidadoso, pois nada pode ser verdadeiramente compreendido sem a presença de uma emoção genuína.

Tillich nos oferece uma visão sobre a palavra “compreensão”, que em inglês se traduz como “*understanding*”. O significado literal sugere uma participação íntima, como se estivéssemos sob o mesmo teto que o objeto do nosso conhecimento. Essa habilidade de captar o sentido lógico de algo — seja uma pessoa, um evento histórico, a vida de um animal ou um texto sagrado — envolve uma dança delicada entre conhecimento controlador e receptivo, união e distanciamento, participação e análise. Durante períodos de crise, Husserl entrelaça a dualidade entre sujeito e objeto em um vasto panorama da vida cotidiana, transformando-a em um horizonte de conhecimento que serve como base para as ciências.

Toda experiência, portanto, é moldada por um horizonte que antecede a vivência. Sujeito e objeto estão imersos em um mundo interconectado, onde cada evento e cada consciência se entrelaçam em um grande tecido da vida, ou *Lebenswelt*. Este mundo não é apenas uma coleção de objetos, mas o espaço subjetivo onde brota toda atividade humana. Entretanto, a desconsideração da polaridade que permeia a razão cognitiva pode gerar distorções profundas. Tal negligência não é apenas um erro passível de correção; é um verdadeiro conflito na essência da existência. Tillich aponta que o conhecimento controlador tenta dominar todos os níveis da realidade, desde a vida e o espírito até as comunidades e valores. Essa abordagem pode ser legitimada pela precisão e verificabilidade que oferece, mas seus resultados frequentemente alienam o ser humano de sua própria natureza, promovendo uma desconfiança nas experiências que dependem da recepção.

A fragmentação do ser humano em suas partes constitutivas é uma das consequências mais alarmantes desse processo. Verdadeiras riquezas do conhecimento empírico foram geradas, mas o custo foi elevado. O ser humano se perdeu no labirinto dessa objetificação, tornando-se aquilo que o conhecimento controlador afirma ser: um mero componente em uma máquina de produção e consumo, um objeto desumanizado na tirania das normas sociais. A desumanização cognitiva culminou em uma desumanização efetiva, onde a essência do indivíduo é eclipsada.

Bachelard, ao defender a objetividade do pensamento, destaca a importância do estímulo psicológico e a necessidade de sentir-se conectado ao objeto de conhecimento. Essa conexão, embora fundamental, não pode substituir a evidência racional; ele adverte que o homem que acredita nunca se enganar está, na verdade, sempre enganado (Bachelard, 1971).

Tillich observa que três movimentos significativos tentaram resistir ao avanço do conhecimento controlador: o romantismo, a filosofia da vida e o existencialismo. Embora tenham alcançado êxitos temporários, falharam

em longo prazo ao não resolver o dilema de distinguir o falso do verdadeiro. O romantismo, com sua confusão entre poesia e intuição simbólica, ignorou a complexidade do mundo dos objetos, enquanto a filosofia da vida, ao tentar criar uma união cognitiva com a dinâmica da vida, falhou em responder como verificar essa união intuitiva.

A relação entre conhecimento receptivo e controlador não foi elucidada por pensadores como Bergson ou pelos filósofos da vida. O existencialismo, por sua vez, busca preservar a liberdade do “eu” individual, mas em termos que carecem de substância e critério. Tillich considera o existencialismo como uma tentativa desesperada de escapar do domínio do conhecimento controlador. Para dizer “não” a este mundo objetivado, ele precisa recorrer, de alguma forma, ao conhecimento controlador ou à revelação.

A revelação, portanto, busca estabelecer uma conexão profunda com a essência do que se apresenta. É um saber que abrange a totalidade, mas que também atende às exigências do conhecimento analítico, equilibrando-se entre a observação e a imersão.

## **AUTENTICIDADE E VALIDAÇÃO**

A busca pelo conhecimento é, em sua essência, uma jornada em direção à verdade. Quando falamos de teologia, essa busca se torna ainda mais fascinante, pois se revela como um profundo anseio por compreender o que realmente significa a “verdade”. É imprescindível, portanto, refletir sobre o conceito de verdade revelada e suas conexões com outras formas de verdade. Ignorar essa discussão seria como deixar de lado um tesouro escondido, facilmente desconsiderado por correntes de pensamento como o naturalismo e o positivismo.

Para os adeptos dessas correntes, a “verdade” se restringe a proposições que possam ser testadas e confirmadas empiricamente. O filósofo Paul Tillich sugere que o adjetivo “verdadeiro” deveria ser reservado apenas a enunciados analíticos ou proposições que tenham passado pelo crivo da experimentação científica. Essa abordagem, embora válida em seu próprio contexto, poderia levar a uma ruptura com toda a rica tradição ocidental, demandando a invenção de novos termos para descrever o que já foi explorado na literatura clássica, medieval e moderna (Tillich, 2014, p. 113).

Mas seria realmente necessário um rompimento tão drástico? A resposta a essa pergunta não reside apenas em conveniências acadêmicas, mas na essência do raciocínio humano. A filosofia contemporânea frequentemente aborda a dicotomia entre verdadeiro e falso como características de juízos, que, ao tentar capturar a realidade, podem ser ou não verdadeiros. Essa lógica é válida, mas devemos nos lembrar de que a realidade, em sua essência, simplesmente é; ela não se encaixa perfeitamente nas categorias de verdade ou falsidade.

Ao indagar: “O que torna um juízo verdadeiro?”, é fundamental

direcionar o foco para a realidade em si. Precisamos investigar os processos de observação e reflexão que levam à formação de juízos verdadeiros, reconhecendo que, assim como eles podem ser verdadeiros, também podem ser falsos. Para isso, é crucial entender como a realidade se apresenta de maneiras variadas, frequentemente sujeita a interpretações errôneas e opiniões infundadas.

Essa revelação exige que exploremos as camadas mais profundas da experiência humana, indo além das impressões sensoriais superficiais. O verdadeiro ser das coisas muitas vezes se oculta, e para alcançá-lo, precisamos de afirmações claras, que surgem através de um diálogo interno de “sim” e “não”. É um exercício de negação dialética, onde cada passo nos aproxima da profundidade do que realmente é.

Portanto, é essencial atravessar a superfície, desconstruir as aparências e buscar a “ousia”<sup>4</sup> — Na vastidão do que é invisível, existe uma essência pulsante, um mundo repleto de significados e verdades que aguardam ansiosamente para serem revelados. A verdade, portanto, transcende a mera chegada a um destino na jornada do conhecimento; ela se transforma em um convite à exploração incessante, ao questionamento profundo e à reflexão enriquecedora. É a “essência” das coisas, aquilo que confere a elas o sopro de existência.

Esta é a sua verdade. No entanto, se ela não é reconhecida como tal por alguém que busca a realidade que se esconde por trás das aparências, não pode ser legitimamente chamada de “verdade”. A verdade se manifesta através do poder da palavra racional, do logos, capturando a dimensão da realidade onde reside o que é verdadeiramente real. Essa concepção de verdade vai além dos limites da filosofia socrático-platônica. Independentemente de como os termos possam se alterar, de como a relação entre o verdadeiro e a realidade aparente possa ser descrita, e de como a conexão entre a mente e a realidade possa ser interpretada, não se pode escapar do intrigante dilema do “verdadeiramente real”. O que se apresenta como real não é irreal, mas pode enganar os olhos se for confundido com a verdadeira essência do ser.

Como nos propõe nosso filósofo alemão, o conceito de verdade é, muitas vezes, uma resposta às expectativas frustradas que surgem em nosso encontro com a realidade. Ao interagir com outra pessoa, as impressões que dela recebemos geram expectativas sobre seu comportamento futuro. Quando essas expectativas não se concretizam, surge o desejo de uma compreensão mais profunda de sua personalidade, que inicialmente era percebida como “superficial” (Tillich, 2014). Novas expectativas nascem, também sujeitas a desilusões, levando-nos a investigar um nível ainda mais profundo de sua essência. E, finalmente, talvez consigamos desvelar a estrutura de sua verdadeira personalidade — a essência e o poder de seu ser, que não mais nos decepciona. Embora surpresas possam ainda nos aguardar, elas são esperadas quando o objeto de nosso conhecimento é um ser humano.

4 Na filosofia e na teologia, o termo “ousia” (οὐσία) provém do grego e é comumente traduzido como substância ou essência. Ele diz respeito à verdadeira natureza de algo, à sua essência primordial e à característica que o diferencia das demais entidades.

Até mesmo a expressão neutra do subpessoal não consegue captar a profundidade da personalidade humana, limitando-se a ser um “símbolo do Deus Pessoal”. É exatamente por isso que o símbolo do Deus Pessoal se torna essencial para uma religião genuína. Ele é um símbolo, não um objeto.

Nunca deve ser interpretado de maneira objetiva. Trata-se de um símbolo entre muitos, que sugere que nosso centro pessoal é percebido através da manifestação do fundamento e do abismo do ser, que permanecem sempre inexplorados (Tillich, 2009, p. 182). As afirmações que fazemos não podem ser meras expressões emocionais ou proposições vazias de significado.

Existe uma verdade substancial nessa postura. Afirmar algo sem apresentar evidências intrínsecas ou a possibilidade de verificação é como lançar palavras ao vento, sem valor cognitivo.

Por “verificação”, entende-se um método que nos permite discernir a verdade ou a falsidade de um juízo. Sem esse método, os juízos tornam-se meras expressões do estado subjetivo de um indivíduo, afastando-se do rigor da razão cognitiva. O teste de verificação está intimamente ligado à essência da verdade; nesse sentido, o positivismo acerta em cheio. Cada postulado cognitivo, cada hipótese, deve passar pelo crivo de testes.

A evidência mais confiável é a que se sustenta em experimentos repetíveis. Um campo cognitivo onde isso é viável oferece a vantagem do rigor metodológico e a possibilidade de verificar uma afirmação a qualquer momento. Contudo, não é aceitável considerar o método experimental de verificação como o único critério para toda verificação. É parte da reflexão teológica reconhecer que o dilema cognitivo que surge da ideia de “Deus” não pode ser delimitado por um único método que se distancie de um envolvimento autêntico com esse conceito “pessoal”.

Assim, o próprio conceito de “Deus” se posiciona como um precursor dessa sequência analítica, antecipando tanto a indagação quanto o tratamento sistemático, pois Deus é a fundação da própria realidade e não uma entidade entre outras. Para o teólogo alemão, adentrar o reino da fé é como adentrar o “santíssimo da existência”. A fé, entendida como uma entrega incondicional ao que nos toca, é um ato que envolve a totalidade do ser. Ela se manifesta nas profundezas da vida pessoal, onde todos os aspectos de nossa existência se entrelaçam. A fé é a expressão mais intensa e abrangente do espírito humano (Tillich, 2002, p. 7).

Holmes Ralston articula essa visão de Tillich como um “teísmo existencial-científico”. Essa caracterização sugere que Tillich apresenta diversas perspectivas sobre a relação entre ciência e religião, conforme a profundidade e a dimensão das análises. Essa visão traz repercussões significativas tanto para a ciência quanto para a filosofia e a postura religiosa, ao evitar a objetificação de Deus.

A objetificação de Deus é uma das posturas que restringem unilateralmente a relação entre sujeito e objeto. Se Deus transcende essa relação, o desafio metodológico se volta para o encontro genuíno com a realidade divina.

Um “Deus” objetivado seria inferior ao verdadeiro Deus, que nos convida a explorar as profundezas do ser e a contemplar a verdade que se oculta nas entrelinhas da existência “*entificado*”.<sup>5</sup> Um Deus que se revela como “*entificado*” e “objetivado” exibiria a mesma estrutura das criações, o que equivaleria a reconhecer uma autocracia tanto no método quanto na ciência, resultando na anulação das reivindicações de qualquer teologia (Arther, 2001, p. 329). Conforme Paul Tillich, a validação pode emergir no próprio fluxo da vida. Essa validação experiencial, que se diferencia da experimental, tem a vantagem de não exigir a interrupção e a destruição de um processo vital para extrair elementos mensuráveis, como ocorre na verificação experimental. Essa forma de validação, que não é experimental, se mostra mais fiel à vida, embora menos precisa e definida, e representa, sem dúvida, a maior parte do conhecimento cognitivo (Tillich, 2014, p. 115).

Em determinadas circunstâncias, as validações experimental e experiencial colaboram de maneira sinérgica. Em outras situações, o aspecto experimental é totalmente respaldado pela experiência, sendo considerado uma tautologia, autoausente. É evidente que esses dois métodos de validação refletem duas posturas cognitivas: a controladora e a receptiva. O conhecimento controlador é validado pelo sucesso das ações que controla. A aplicação técnica do conhecimento científico representa sua verificação mais abrangente e impactante. Cada máquina em funcionamento é um teste constante da veracidade das suposições científicas que a sustentam.

Por outro lado, o conhecimento receptivo é validado pela união criativa entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido. Este teste, sem dúvida, não é repetível, preciso ou definitivo em nenhum momento. O próprio processo da vida realiza essa validação. Assim, o teste é indefinido e preliminar, envolvendo um elemento de risco. Fases futuras do mesmo processo vital podem revelar que aquilo que parecia um risco considerável era, na verdade, algo positivo, e vice-versa. Nesses domínios, é possível e, de fato, já se alcançou um entendimento significativo. Os processos vitais são objeto de investigações biológicas e psicológicas, e, ao abordar tais fenômenos, os cientistas têm suas razões. Contudo, essas tentativas enfrentam limitações que não são impostas pela busca de ampliar o método experimental até onde for viável, mas por definição. Os processos da vida se distinguem pela totalidade, espontaneidade e individualidade. Tillich observa que, a experimentação pressupõe isolamento, regularidade e generalidade.

Portanto, apenas os elementos distintos dos andamentos da vida estão possíveis à verificação experimental, nesse sentido que os próprios

5 A expressão “entificado” não é um vocábulo formal ou aceito na língua portuguesa. Parece ser uma criação informal ou uma palavra inventada para um contexto particular. Contudo, se analisarmos a raiz “*entificar*”, que se refere a “*transformar algo em um ente*”, podemos deduzir alguns significados. Em determinadas situações, pode-se recorrer a essa expressão para sinalizar que um conceito foi elucidado ou assimilado, adquirindo clareza e compreensão. O termo também pode ser empregado para retratar a maneira como Tillich percebia uma mensagem ou verdade que considerava fundamental e que desejava transmitir ao seu público.

elementos devem ser recebidos em uma simbiose criativa para serem conhecidos. Médicos, psicoterapeutas, educadores, reformadores sociais e líderes políticos lidam com este aspecto do processo vital, que é sujeito, espontâneo e total. Eles só podem manifestar com base em um conhecimento que una os elementos controladores e receptivos (Tillich, 2014, p. 116). A essência do saber se desvela, em parte, através da experimentação concreta e, em parte, pela experiência única que ele propicia.

Se denominarmos essa “experiência do saber” de “intuição”, a postura cognitiva em relação a todo o processo existencial individual torna-se intuitiva. A intuição, sob essa ótica, não é isenta de razão e não nos exige de manter uma consciência plena acerca do conhecimento validado por meio da experimentação.

A validação no âmbito do saber histórico também articula um elemento experimental com um aspecto experiencial. O aspecto factual da pesquisa histórica fundamenta-se em fontes, tradições e documentos que se corroboram mutuamente de forma análoga aos métodos experimentais, ainda que nenhum evento histórico possa ser repetido.

Entretanto, o aspecto seletivo e interpretativo, sem o qual nenhuma historiografia poderia ser elaborada, baseia-se na participação em termos de compreensão e explicação.

A fusão entre a natureza do historiador e a do objeto em análise é essencial para a construção de uma narrativa histórica significativa (Tillich, 2014).

Contudo, com essa fusão, o mesmo período e a mesma figura histórica podem receber, a partir do mesmo material verificado, uma diversidade de interpretações historicamente pertinentes. A validação, portanto, implica em iluminar, tornar compreensível e fornecer um quadro significativo e coerente. A tarefa do historiador é “dar vida” ao que já “passou”. O sucesso cognitivo e a veracidade do quadro apresentado dependem de sua capacidade de realizá-lo. Essa avaliação não é definitiva, e todo trabalho histórico envolve riscos.

O racionalismo e o pragmatismo abordam a questão de sua validação de maneira que ambos negligenciam o elemento que consiste na união cognitiva e no conhecimento receptivo.

Tillich observa que o racionalismo busca desenvolver princípios e normas em termos de autoevidência, universalidade e necessidade. Categorias do ser e do pensar, princípios de expressão estética, normas jurídicas e comunitárias são passíveis de análise crítica e de conhecimento a priori (Tillich, 2014, p.117).

Segundo o renomado filósofo Paul Tillich, a matemática nos oferece uma analogia os princípios racionais, as categorias e as normas emergem de uma evidência que não depende dos testes do conhecimento controlador ou do conhecimento receptivo. Nessa lógica, o pensamento analítico se torna o maestro, capaz de orquestrar a estrutura da mente e da realidade de maneira intrigante. Entretanto, ao cruzarmos o caminho do pragmatismo, nos deparamos com uma proposta instigante, quase como um sopro de ar

fresco. Para os pragmatistas, os princípios da razão não são meras abstrações rígidas, mas sim frutos de uma experiência dinâmica. Eles são como um rio que flui, sempre prontos a se moldar e a se transformar através de novas vivências e de testes incessantes.

Dessa forma, a razão, longe de ser uma fortaleza imutável, se revela como um organismo vivo, pulsando com a vitalidade das experiências humanas, sempre aberta à mudança e à evolução. Essa intersecção entre a rigidez da matemática e a fluidez do pragmatismo nos convida a refletir sobre a natureza da nossa própria compreensão e a maneira como interagimos com o mundo ao nosso redor. (Tillich, 2014). Estes elementos não são meras ferramentas; eles têm o poder de interpretar e avaliar um vasto universo de conhecimentos empíricos, expressões estéticas, estruturas jurídicas e formas de convivência comunitária. Quando cumprem essa função, recebem uma validação pragmática, um selo de aprovação que ecoa na prática do cotidiano (Tillich, 2014). Contudo, tanto o racionalismo quanto o pragmatismo parecem ignorar a essência participativa do conhecimento.

Eles falham em perceber a diferença crucial entre um conhecimento que apenas observa e um que controla. Moldados pela visão do conhecimento controlador, limitam-se a opções implícitas, como se o entendimento do mundo pudesse ser reduzido a fórmulas secas. Mas aqui entra Paul Tillich, que nos desafia a pensar além: a validação dos princípios da razão ontológica não se baseia nem na autoevidência racional nem no teste pragmático como características indiscutíveis.

A autoevidência racional, por exemplo, não pode ser atribuída a um princípio que se estenda além da mera racionalidade, como o imperativo categórico de Kant nos ensina. Cada princípio concreto, cada categoria e norma que expressa algo mais profundo do que a lógica pura é passível de verificação experimental ou experiencial. Mesmo que contenha um elemento que pareça autoevidente, isso não é suficiente para garantir sua validade no todo.

Tillich nos lembra que o pragmatismo, por sua vez, não possui um critério claro. E se tomarmos o sucesso operacional dos princípios como o nosso guia, logo nos deparamos com a pergunta inquietante: “Qual é o verdadeiro critério do sucesso?” Essa questão não pode ser abordada apenas sob a luz do pragmatismo ou da razão formalista.

Apesar de muitas vezes refutados, os princípios do conhecimento controlador persistem, validando-se pela eficácia em nosso processo vital (Tillich, 2014).

Para o nosso teólogo, a inexauribilidade de significado não é um critério bem definido, mas sim uma força permanente e impactante. Ele transcende a mera criatividade, revelando um método de validação que distingue, na trajetória histórica, o que está desgastado e sem vigor daquilo que resplandece sob a luz da pura racionalidade (Tillich, 2014). Embora essa abordagem vise unir pragmatismo e racionalidade, ela evita os erros do pragmatismo e a ausência de sentido que frequentemente o acompanha. Ela é mais fiel à vida do que muitos métodos que a disputam, mas não se

esquece do radical risco que a existência implica.

A validação, assim, é significativa, mas não traz a segurança que muitos desejam. Essa realidade nos confronta com um dilema fundamental da razão cognitiva. O conhecimento se vê em uma encruzilhada: o conhecimento controlador, embora seguro, carece de um significado profundo, enquanto o conhecimento receptivo pode ser imbuído de um significado último, mas não oferece certezas concretas. Raramente reconhecemos a ameaça que esse dilema representa.

Contudo, se aceitarmos essa complexidade sem nos refugiarmos em validações superficiais e incompletas, somos levados a uma resignação melancólica em relação à verdade ou à busca por revelação. A revelação, em sua essência, promete uma verdade que é ao mesmo tempo segura e um objeto de preocupação última — uma verdade que abrange e aceita o risco e a incerteza de cada ato cognitivo significativo, transcendendo-os ao aceitá-los plenamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, nos aventuramos nas reflexões de Paul Tillich para explorar o intrigante conceito de revelação, com um olhar atento à função cognitiva da razão ontológica. Aqui, a revelação se apresenta entre o ser e o entendimento humano, onde o fundamento do ser se manifesta, iluminando as profundezas da nossa compreensão.

Nosso propósito foi demonstrar que a teologia, em sua essência, não possui o poder de forjar uma epistemologia autônoma. Em vez disso, ela deve se entrelaçar com as características da razão cognitiva, que se revelam fundamentais para o aspecto cognitivo da revelação. É um convite entre fé e razão, onde cada nota ressoa com significado.

Especificamente, a teologia deve se empenhar em tecer uma descrição da razão cognitiva que esteja em harmonia com as condições da existência. Assim, ela pode se tornar uma ponte que conecta o conhecimento humano às verdades mais profundas da revelação.

Por fim, nos deparamos com os dilemas da cognição existencial, que exigem uma compreensão robusta de sua estrutura ontológica. Essa configuração polar da razão cognitiva não apenas permite os conflitos existenciais, mas também nos provoca a questionar e investigar a natureza da revelação.

## REFERÊNCIAS

ARTHER, Donald E. *Paul Tillich's Perspective on Ways of Relating Science and Religion*.

Opus cit., p. 331.

BACHELARD, Gaston. *A Epistemologia*. Trad. Fátima Lourenço Godinho, Mário Carmino Oliveira. Lisboa: Edições 70, LDA, 1971.

HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Introd. Trad. Urbano Zilles. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPURS, 2002.

MUELLER, E. R., BEIMS, R. W. *Fronteiras e Interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TILLICH, P. *Teologia sistemática*. Trad. Getúlio Bertellie Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.

TILLICH, P. *Teologia da cultura*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TILLICH, P. *Dinâmicas da fé*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2002.